

o país onde nascemos. Portugal. O nosso país, estranhamente, tem mais momentos de sucesso quanto está virado para fora.

Os trabalhadores portugueses no Luxemburgo produzem aquilo que o português médio nunca produzirá; a Jerónimo Martins cresceu de forma estrondosa a partir do montu no passado 101 reito com ativos brasileiros (venda da Vivo

ros/mês nos primeiros tempos, mas muito melhor do que não entrar no mercado de trabalho. Somos uma geração que cria pouco, mas podíamos ser felizes na segunda hipótese: aproveitar as oportunidades.

Neste segundo campo não temos culpa. São todos aqueles que deixaram o país

TRIBUNA LIVRE

barlavento | Quinta-feira, 17 de março de 2011

ver boys a gestores públicos, corromper a Justiça, cons-

(subsídios), mais iniciação económica; menos educação de arquivo, mais criatividade e inovação; menos carros, mais bicicletas; menos opiniões, mais leitura; menos preconceito, mais riqueza.

Todas estas ideias podem soar a palavra fácil, mas tratam de designios por cumprir, sem demagogia. E

nomentos, é fá- a onda de ins- atrás de dema- ia folha branca

aízia: «NAO dêem motivos à demagogia».

Este poderia ser o título de uma boa história para crianças, daquelas que começam «Era uma vez...» e que terminam, forçosamente, com «E viveram felizes para sempre».

O que acontece é que esse reino imaginário trespassa, quantas vezes, o espelho da criação e, libertando-se da mente do criador, invade o mundo real com

que é pior») os cortes que os Governos impõem, fazendo refletir nos mexilhões, cada vez mais emagrecidos, esse espartano e contínuo regime de apagamento.

«Até quando continuarão os polvos a sugar os mexilhões?», volta o meu neto a perguntar. O que lhe hei-de responder? E então, digolhe: «Até que os mexilhões se unam e protestem? Até que os que prometeram defender os mexilhões a tal se disponham? Ou até que os mexilhões se extingam cadavéri-

do meu neto, como quem diz: «Tás-me a dar música!»

A minha mulher confidenciou-me que teve a sensação que, naquele momento, o meu nariz cresceu!

A verdade, verdadeinha é que o polvo continua a engordar e o mexilhão a se lixar!

Até quando abusarão da nossa paciência? Perguntam os mexilhões.

«Fartai-vos malta, antes que acabe!», dizem os polvos.

Oh! Como a felicidade transborda no reino dos animais!



Duarte Trigueiros

Professor catedrático

Universidade e desemprego entre os jovens

A universidade é também responsável pelo desemprego que grassa entre licenciados e mestres. Logo à entrada, a nota de acesso desfavorece jovens com qualidade mas que não sejam “marrões”. E depois de entrarem, o ensino continua a basear-se no “marranço”. Não importa o que se estuda ou o que se aprende, só importa a nota. E mesmo em cursos com saída, ensinam-se conteúdos que não levam a nada e que só dificultam o emprego. A universidade, em larga medida, não prepara os jovens. Fá-los

estudar.

Qual a raiz desta distorção? A mesma de tantas outras. Um autarca que devia trabalhar para os outros, trabalha é para si; uma autoestrada que se abriu para desenvolver o interior acaba enriquecendo o litoral; um monopólio que se instituiu para limitar flutuações nos preços torna-se num maná, num negócio ideal, sem risco e sem controlo.

A universidade tem muito de monopólio e de autoestrada com portagens caras. E alguns dos seus professores

são prepotentes como velhos autarcas viciados no uso do poder. É por isso que, em vez de estar centrada no aluno, como devia, a universidade secundariza-o em proveito do professor. Há excesso de professores economistas? Põe-se os alunos a aprender economia, mesmo onde ela não é chamada. Um professor não é do grupo? Fora com ele, mesmo que se deixe de ensinar matéria importante. Um laboratório de Informática tem falta de mão-de-obra? Metem-se alunos lá dentro a trabalhar... para a nota. Não é

verdade que o defeito da universidade seja viver fechada sobre si mesma, qual assembleia de sábios distraídos. Alguns serão sábios, talvez, mas não são nada distraídos: estão até muito atentos ao que lhes interessa.

Em 2006, com o Processo de Bolonha, a universidade deveria ter-se virado para a empregabilidade e não o fez. Que o grito de alerta dos jovens desempregados seja um despertar para o dever de colocar sempre o aluno no centro e como foco dos interesses da universidade.

Que o grito de alerta dos jovens desempregados seja um despertar para o dever de colocar sempre o aluno como foco dos interesses da universidade